

Pastorado Desejante*

Evaldo L. Pauly

Introdução

Estratégico na igreja é o Reino de Deus. Só mexemos com tática. Estratégia é a arte militar de planejar uma guerra; tática é a arte de dispor as tropas no campo de batalha. Táticas são evoluções parciais da estratégia. Tática é instrumentalização da estratégia. Na igreja e na guerra.

Confundir estratégia com tática é uma heresia na fé. Confundi-las na política, característica de todo oportunista ingênuo ou safado. Não tenho, e tenho raiva de quem tenha, uma estratégia para a igreja. O Reino de Deus ou é de Deus ou é bobagens. Ou é de Deus ou é projeção alienante. Acredito que uma das táticas do Reino de Deus possa ser a Teologia da Libertação.

Como pai de família, pastor de profissão, tenho muitas contradições com o jeito da sociedade brasileira anarquizar a produção coletiva dos bens e riquezas sociais. Sei que a sua racionalização, através do controle democrático dos trabalhadores, me fará mais rico. Tenho até motivos teológicos contra essa sociedade, mas tenho interesses muito mais egoístas para combatê-la. Não tenho nada a perder, a não ser as correntes...

Sei que a absoluta maioria, a quase totalidades dos paroquianos aos quais sirvo, tem as mesmas contradições e os mesmos interesses. Talvez meus paroquianos saibam usar a Paróquia para seus interesses subjetivos. Mas não sabem usá-la ainda para os seus interesses objetivos. Minha tática está em aperfeiçoar a Paróquia no atendimento das necessi-

* Primeira parte de uma palestra proferida na EST em 23/9/87. A segunda parte intitula-se "Submissão Para a Liberdade: No Rastro de Lutero."

dades subjetivas, e instrumentalizá-la para atender as necessidades objetivas. Ou seja, eu quero uma radicalização da pastoral de atendimento! Minha estratégia é aguardar o Reino de Deus. Enquanto ele está em gestação vou tentando aprimorar o quarto onde o bebê será hospedado. Sem me esquecer que o nenê vem, com ou sem quarto.

Uma tática é aumentar a participação dos leigos na condução efetiva do meu pastorado. Isto vai desde a disposição do altar até a reflexão da prática de alguns. Da organização do chá até o acompanhamento dos leigos nas associações de moradores.

É uma aplicação do artigo 1º do capítulo I do Regulamento do Ministério Pastoral: "O ministério pastoral fundamentar-se na incumbência que a igreja recebeu de seu Senhor de pregar sua Palavra e de administrar os Sacramentos". Complementa-o, entre outros, o artigo 4º: "... empenhando-se pela salvação e bem-estar do homem."

Eu só estou querendo cumprir o regulamento! Quem não quer cumpri-lo é a sociedade brasileira. Ela recebeu de Deus toda sorte de bênçãos materiais e não constrói o bem-estar do brasileiro! Que posso fazer além de enfrentar essa sociedade para poder obedecer o Regulamento?

O texto que produzi tem o objetivo de pensar a questão pessoal do pastor. Eu não posso nem preciso me justificar, pois sou um tão grande pecador que só a cruz de Cristo me pode justificar. Esta tem sido minha estratégia: a justificação pela fé, o Reino que vem automaticamente. A justificação pelas obras, a parcela organizada do povo e a sua vanguarda sabem fazer muitíssimo melhor que todos(as) teólogos(as) esgajados(as) da América Latina, graças ao bom Deus!

Portanto gostaria de falar da minha vocação. Por isso a reflexão é auto-biográfica. Vou apresentar o que pude fazer de melhor, na esperança de que o texto sirva para convidá-los a uma profunda reflexão sobre nós e por nós mesmos.

Deus me ilumine. Amém.

1. O Fardo do Talar

Eu desejo ser pastor da e na IECLB. Neste texto eu gostaria de dar-me conta deste meu profundo desejo. Para esta reflexão incorporo, sistematicamente, três métodos:

1.1 A dialética luterana de pensar a revelação divina;

1.2 A dialética marxista de pensar a revelação econômica;

1.3 A dialética freudiana de pensar a revelação da alma.

Na religiosidade da fé de minha gente o que marca o desejo de alguém ser pastor é o talar. Muito mais do que a formação acadêmica, mais do que a fé pessoal, é o direito de usar esta roupa especial, única e inconfundível¹.

Visto o fardo do talar em função do meu desejo. Ele é símbolo cristalino de dependência. Identifico-me como pastor pela dependência da comunidade de fé e de Deus. Pago impostos como o comum dos mortais, mas sou pastor, dependo de Deus e de gente de fé. O talar é um distintivo: Distingue, marca diferenças. Para a comunidade marca a diferença entre o cidadão e o representante comunitário do sacerdócio geral. Para Deus marca a diferença entre um miserável pecador e o arauto da mensagem salvífica. A comunidade é senhora do talar no momento em que requer para si mesma a pregação e os sacramentos. Sacramentos e pregação não dependem de quem os administra, são obras que não precisam de obreiros. O talar, portanto, não é posse minha. Ele não tem valor algum, a não ser que alguém o vista na hora em que é requerido. Pouco importa quem o vista: O talar anula o conteúdo pela forma. Para realizar o meu desejo tenho que suportar a minha própria anulação! Esse fardo é terrível, mas é o fardo do meu desejo! Masoquismo? Não! O masoquista procura sofrer a partir de si mesmo e sofre com prazer. O meu fardo eu sofro sem prazer.

A segunda dependência do talar vem de Deus. Só posso usá-lo se eu estiver sendo usado por Deus. Esta veste só reveste aquele que está sendo usado por Deus e em seu nome agindo: na pregação e nos sacramentos. Novamente a minha identidade é anulada pela de Deus. No entanto, também esta anulação devo suportar em fidelidade ao meu desejo. Só posso ministrar os sacramentos porque Deus me permite. (Se me comparar com missa católica, sinto-me muito mais coroinha que sacerdote. Sou antes assistente e ouvinte do que celebrante). Não há nenhum poder pessoal para mim, exatamente quando realizo o ato mais poderoso do pastorado: os sacramentos e a pregação. Sou apenas "coroinha",

1 — Talar no dicionário do MEC significa: o par de asas nos pés de Mercúrio, veste. Como verbo é a ação de abrir valas na lavoura, destruir, assolar, devastar. Coisas completamente opostas aos significados da religiosidade luterana.

uma figura decorativa. Mesmo assim lembro que decoração ruim estraga boa obra de engenharia!!!²

Apesar dessa dupla dependência e dessa dupla anulação, o talar oferece-me um poder diabólico. Ele me fascina — fascínio e fascista têm a mesma raiz — me tenta, me engana. **Ao vestir o talar , estou imbuído de um poder, mas não sou esse poder. Estou mas não sou pastor!** Desejo ser pastor, mas tão somente posso estar pastor. Esta contradição me traz enormes angústias, fundamentalmente a de ser apenas pessoa, e não um deus. A tentação de Adão foi afogada em meu batismo, mas o cadáver ainda tenta voltar à tona...

Desejamos ser, mas na verdade só podemos estar sendo. O desejo não se sacia nunca, precisa continuar sempre insatisfeito. A plenitude do desejo, a sua realização última é a morte. Freud formulou esta obviedade com a pulsão de morte, como aquela que define a pulsão de vida. Se desejo ser pastor, posso apenas continuar estando pastor. É o meu fardo. Pesado, chato, quase irracional, mas é o fardo de estar ainda vivo com o desejo de ser pastor.

2. Desejar Palavra e Sacramentos

O poder do talar me é dado sob determinadas condições. De mim pode ser tirado. Apenas o meu desejo não suporta este fardo. Só posso suportá-lo na medida em que vou encontrando outros sujeitos desejantes. É preciso buscá-los, conquistá-los, cativá-los... É como o desejo do amor. Só suportamos esse desejo em nós, trazendo-o para fora, objetivando-o, na linguagem psicanalítica, pela fala e pela identificação do objeto de amor. Ruscar o objeto da realização de si mesmo é da natureza do desejo. Meu desejo, portanto, de estar pastor não se realiza comigo mesmo. Não posso ser pastor de mim mesmo.

Vejo duas condições para a realização deste desejo:

2.1 A capacidade de suportar o meu próprio desejo e a sua constante insatisfação;

2.2 A capacidade de conquistar outros sujeitos desejantes que se disponham a realizar seus desejos com as realizações do meu.

2 — Um padre suporta seu papel, e sua vestimenta, com mais tranqüilidade, sua ordenação na sucessão apostólica lhe confere o direito de atribuir para si a identidade divina de transubstanciar o pão e o vinho, ministrar por Deus mesmo os outros sacramentos. Essa ordenação nunca poderei receber. Serei apenas ordenado nas ordens eclesiásticas da IECLB que não têm a pretensão de substituir a ação salvífica de Deus.

O poder do talar vem de lugares que não controlo: Deus e a comunidade de fé. Para realizar meu desejo tenho que aceitar um papel poderoso e exercê-lo. De um lado, negar tal papel é negar o meu desejo. Por outro lado, o papel que exerço como pastor não sou eu, mas o "eu" é parte integrante do papel. Tenho que ser como um bom ator. Vive o seu papel com plena consciência de ser apenas papel, mas com tal convicção e profunda identificação que já não é apenas papel, mas o próprio sujeito. A gente sabe que o ator está exercendo um papel, mas se a gente percebe isso nele, toda a arte de representar se destrói. Se assumo o papel como se fosse o meu próprio desejo, meto-me numa ilusão doentia. Se dissocio o papel da minha vida desejante, numa ilusão esquizofrênica. Preciso constante e desesperadamente encontrar um equilíbrio impossível.

Posso desejar ser pastor, mas nunca poderei ser o pastor que idealizo. Se chegar a sê-lo, serei um doido varrido. Estarei confundindo a realidade com o meu desejo. A realidade é o campo em que incide o meu desejo, mas nunca será o meu desejo. Só há vida, pelo que entendo e experimento, enquanto o desejo estiver insatisfeito, em oposição à realidade, em conflito permanente³.

Por isso o meu desejo de ser pastor precisa encontrar outros sujeitos desejantes: a comunidade de fé e o próprio Deus (Aliás, o Deus da vida, portanto, do desejo). O desejo de Deus está delineado na Palavra que é viva, mas que mesmo assim só se torna desejo no desejo de pessoas. O desejo da comunidade está nos desejos das pessoas que a sustentam. A questão fundamental, estratégica se quiserem, é descobrir onde este desejo da comunidade se manifesta. Penso que a criatividade pastoral deve empenhar-se nessa descoberta, e tal criatividade se assemelha psicanalítica. O desejo se manifesta, especialmente, pela denegação. Uma espécie de negação no campo da alma humana. É bom lembrar que "Trieb" (pulsão) traduziu-se ao inglês e português com "instinto". "Seele" (alma) foi traduzido por "mente". Digo isso para que nos alertemos: quando falo de psicanálise não falo de deformação americana, nem da psicologia do eu. Freud quis cuidar da alma, e nunca da mente. Freud fala em "Seelsorger" como a profissão dos chamados psicanalistas. Considero a psicanálise uma das formas adequadas para ouvirmos a alma da comunidade. Ou seja, os desejos da comunidade não

3 — Admito sinceramente que outros colegas possam dizer que são pastores conforme sua idealização. Eu não posso admiti-lo para mim sob pena de perder a vinculação com a minha realidade, o que me faria um esquizofrênico diante de mim mesmo.

estão expressos, mas precisam ser analisados, descobertos. A gente precisa auscultar, sentir. Os desejos só vêm à luz pela interpretação que vem de dentro da própria fala do analisando, mas que ele percebe como algo de fora. Freud descobriu a livre associação, os lapsos, os sonhos, as transferências, como chaves fornecidas pelo analisando para abrir as janelas do quarto escuro da sua alma.

Para poder vestir meu talar preciso buscar harmonizar meu desejo com os diferentes desejos de outros sujeitos de desejos. Isso é teocrático porque é Deus quem se torna parceiro de desejo; democrático porque está na comunidade de fé que deseja organizar-se como tal. Só insisto em dizer que não aceito de modo algum que alguém se arvore no direito de saber o que a comunidade deseja. Considero uma profunda arbitrariedade definir os desejos dos outros, sem que se possa ouvi-los profunda e silenciosamente, como na análise. Dizer o que os outros desejam é a definição mais sintética de ditadura.

Além de ouvir os desejos escondidos da comunidade, preciso ouvir dos desejos de Deus: os sacramentos e a Palavra. É a condição única e suficiente do papel pastoral. Aceitar no sentido de reconhecer no passivo, de constatar boquiaberto, de ver apesar de não querer. A fé tem que nos ganhar. O resto é acréscimo posterior. Fundante é a fé, o resto detalhes técnicos. Essa aceitação passiva exige e ao mesmo tempo permite a fé. **É uma exigência da fé**, porque ministrar sacramentos e pregar, sem colocar nisto o mais profundo e inexplicável desejo, a mais absurda fé, é violentar-se⁴. **Sacramentos e Palavra permitem a fé**, porque não há na fé cristã outra forma de adquiri-la. Para nós, Deus só faz sentido apenas e exclusivamente como o **Revelatus**. Revela-se, em sua imensa bondade, apenas e por tais meios. Admitir outras fontes de revelação, pelo que entendo da Bíblia, é idolatria. Até simpática, mas idolatria. É ilusão (Freud: Futuro de uma Ilusão). É ideologia (Marx: A Ideologia Alemã). Só conhecemos o revelado e mais nada. Desejar o desconhecido é impossível.

Dizendo curto e breve: É impossível para mim aceitar e assumir o pastorado luterano sem ter fé, sem desejá-lo com a mais profunda e absurda fé. Sem fé não desejo o pastorado.

2.3 O pastor e a equilibrista. Equilíbrio é a situação de quem sabe que pode cair. A diferença entre o sujeito equilibrado e o dito louco é que o primeiro sabe da sua loucura. A equilibrista, como na música de

4 — Se não tenho fé não posso desejar sacramentos e Palavra, pois seria reprimir violentamente meu desejo de ignorá-los. Não é violentar a Palavra e os sacramentos como na moral católica, é violentar a mim e aos que me são próximos na fé.

João Bosco, se mantém pelo medo da queda. Busca pelo equilíbrio constantemente ameaçado pela queda. Seu equilíbrio é o espaço entre dois desequilíbrios muito próximos um do outro. Assumo meu pastorado como equilibrista. Procuo exercer meu papel com plena consciência de que é apenas papel, mas com a fé e o desejo de que o papel é a minha vida... Posso estar pastor apenas no espaço entre desequilíbrios. Se me paro posso cair. Se dou um passo adiante, vou me colocar em novo desequilíbrio. O risco e a inquietação são constantes. No entanto, o medo de andar cada passo é o próprio desejo de cair. O motor da história é a contradição. O motor da vida é a pulsão de morte⁵.

Esta é a minha fé, e desculpem a franqueza. Tão débil que iria destroçá-la se a quisesse moldar com minhas mãos. Tão fraca que não posso defendê-la, e é ela quem me defende e sustém como crente. Tão vaga que não posso mostrá-la, ela é quem me expõe a mim mesmo. Tão fugidia que não a posso prender, ela é quem me prende. Fé é aquilo que eu menos controlo em minha vida, mas é o que controla, na profundidade, a minha própria vida. Meus desejos consigo elucidá-los pela autoanálise ou num divã. Fé, não! Tillich disse tudo o que se pode dizer da fé: É aquilo que me toca incondicionalmente. Para tudo existem condições, para a existência, para o social, para a teologia. No entanto, condições da fé são sacramentos e Palavra que, por absurdo, são a própria fé. **A fé é a condição de si mesma**⁶.

3. Ser Sujeito do Pastorado

Ter fé é quase análogo, meio parecido, com **ser sujeito**. Sujeito é quem se torna agente da ação de sujeitar. É o agente ativo de sujeitar alguém ou alguma coisa, e ao mesmo e misterioso tempo, o agente passivo de sujeitar-se a si mesmo. Para a fé se torna sujeito quem se sujeita à revelação, com isso torna-se sujeito da ação de crer. Para a psicanálise só é sujeito da análise quem se sujeita ao seu inconsciente, sendo assim capaz de sujeitá-lo. Para a pedagogia de Freire só é sujeito quem se sub-

5 — Seria ótimo ler "Para Além do Princípio de Prazer", de Freud, especialmente para os simpatizantes de Frankl.

6 — Se a condição da fé é a conversão, ou a tradição, ou a revolução, então não existe fé, mas pura e deslavada ilusão. Conversão é necessidade da fé. Tradição idem. Revolução idem.

mente a uma “situação gnosiológica” que é a relação pela fala entre sujeitos, mediatizados pelo “objeto cognoscível” (Pedagogia do Oprimido). Para os marxistas, sujeito é quem, sujeitando-se às condições naturais, as transforma pelo trabalho. “É precisamente a alteração da natureza pelos homens e não a natureza enquanto tal, que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento humano” (Dialética da Natureza, Engels).

Parece-me fundamental que quem assume a liberdade, a assuma como falta. Liberdade é o que nos falta. Liberdade nos faltará até a consumação dos séculos. Exatamente a falta de liberdade define liberdade, a busca por ela (Não sou livre de Deus, e isto me liberta). A opção da liberdade é a imposição da falta. Preciso sujeitar-me às minhas limitações e às do meu meio social. A falta é fundamental no método psicanalítico. Na visão lacaniana só quem passa, ou é passado, pela castração simbólica, pela falta simbólica, pode ser inserido e inserir-se na cultura⁷. A falta é expressão inequívoca da falta. A fala traz para a realidade o que aí não está. A fala é que nos faz pessoas únicas. Seria um desafio para a nossa teologia refletir sobre o complexo de Édipo (a castração simbólica) e a designação de “mãe” para a igreja. Ou, especificando um exemplo, o sacerdócio celibatário dos romanos e a sua relação com a Santa Madre...

No pastorado só existe liberdade como falta. A liberdade está no sujeito que — ao sujeitar-se ao seu desejo de ser pastor — assume o pastorado livremente. Submeti-me às regras da profissão: o Regulamento do Ministério Pastoral da IECLB. Submeti-me em liberdade. Dentro destas regras jogo meu desejo e busco sujeitá-las, as limitações. Sinto-me sujeito livre no pastorado na medida em que me sujeito a ele e na medida em que procuro sujeitá-lo ao que penso e tenho fé. Este processo permanente causa muita angústia e sofrimento extremamente saudáveis. Usando a linguagem da fé, significa assumir a própria cruz, a cruz de ser pastor. Existe muita demagogia barata e sem-vergonha sobre carregar a cruz dos outros, dos pobres em especial. No fundo, quase sempre, esse discurso encobre a falta de carregar a própria cruz. Serve para mascarar a falta de compromisso com a própria cruz.

7 --- Essa elaboração teórica é fruto da retomada dos textos de Freud empreendida por Lacan. Estou me introduzindo nesta compreensão. Percebo algumas relações, mas não sei fundamentá-las. Lacan, por sua vez, retoma a leitura freudiana com as concepções estruturalistas de Saussure. Lembro que Fernando Belo, e toda a corrente da leitura materialista (da Bíblia) bebe neste poço. O estruturalismo para mim é outro campo em que não temos tantos exploradores.

A verdadeira segurança do pastorado é a insegurança⁸. Quando a minha prática pastoral me transmite sensações de segurança, na verdade está me iludindo. Não posso manipular o Espírito. Ou não tenho mais fé, e sim ilusão, para Freud; e sim ideologia, para Marx; e sim o diabo, para Lutero. Eu desejo apenas viver da fé. Não posso me entregar à ilusão de poder brigar pela única verdade. Não posso me enganar com a ideologia que tenha explicações lógicas ou não para o rumo das coisas. Não posso ceder à tentação de querer ter nas mãos as certezas necessárias e suficientes. Estas sensações não são revelação do Deus Absoluto, o nosso mais profundo avesso, o complemento fora de nós. Essas sensações apenas revelam o ídolo relativo e passageiro, a idolatria, o lobo vestido de cordeiro.

Na vida pastoral luterana a única certeza de fé é a sua exterioridade: Ou vem de fora ou é ilusão. Por isso me sinto feliz por poder vestir o talar. Ele mostra para mim e para os que me vêem algo externo do normal, fora do ordinário. Indica para além de mim e me livra de ser o único responsável pelo que tenho a dizer e a ouvir. O talar me defende de mim mesmo! **A fé verdadeira vem de fora, apesar de e contra nós.** No pastorado, quando tenho verdades nas mãos, tenho-as porque Deus as ali colocou. Não são obras minhas, apesar de operarem através de mim. Não dá para ser pastor sem ter verdades nas mãos, muito menos sem desejar ser portador de verdades. Apenas é necessário que eu aceite a verdade que anuncio como posse relativa, e não permanente. A permanência da verdade está definitivamente nas mãos de Deus. E que por lá fique, pois está em muito boas mãos. Aprender a ter a verdade sem ter a verdade, é uma arte teológica. Pastor só tem o que recebe e apenas oferece o que ganhou⁹.

Em síntese, só posso ser sujeito do meu pastorado se este pastorado estiver sendo sujeitado por Deus. Um Deus muito específico e concreto: O que se revela tão somente **pela Bíblia**. Na forma de palavra estabelecida pela tradição e falada de novo **pela comunidade** reunida pelo e com o Espírito Santo. Quem quiser ser sujeito livre do seu pastorado, sujeite-se a Deus e à comunidade. Submissão para a liberdade!

8 — Eu não gosto de insegurança, mas esta é a condição de quem está vivo: a certeza da morte!

9 — Evidente que existem pastorais que se julgam donas da verdade. Aceito o seu direito à existência. Apenas não posso submeter-me a elas. Sei que elas dão a segurança que não tenho, mas não é isso que quero, embora adore a segurança.

— Recomendo a leitura de "Freud e a Alma Humana", de Bruno Bettelheim.

— Para as esparsas referências políticas vali-me de leituras de E. Mandel e M. Loewy, "Marxistas na Tradição Trotsquista".

A minha proposta de pastorado inclui necessariamente a autocrítica como condição da crítica. Exige que me inclua primeiro como assistente do sacramento para poder ministrá-lo corretamente. Primeiro só posso ser ouvinte, para poder pregar. Sou apenas um pecador anunciando o pecado dos outros e da sociedade que se mantém também pelo meu esforço. Apontei para a dimensão do desejo, fiz dele o norte da minha proposta. Finalizo dizendo que desejo é pecado. Pois todos carecemos da glória de Deus.

4. Teses sobre Táticas Pastorais

4.1 — O pastor que quer ser conscientizador tem que ser primeiro pastor. Só pode propor o mais quem pode mostrar que sabe o menos. Pastor que quer um pastorado alternativo porque não gosta de tradicional é um tremendo opressor. Quer o privilégio de só fazer o que lhe dá prazer. Esse privilégio é da minoria opressora.

4.2 — A conscientização se faz por mediações. As do pastor são os sacramentos, a Palavra. Sem elas não há pastorado.

4.3 — Educação se faz em diálogo. Isso pressupõe parceiros diferentes, saberes diferentes. Só admite diferenças quem assume a sua parcialidade e nela se identifica. A teologia da libertação tem que ser humilde e contentar-se com o parcial. Não somos marxistas, não somos políticos, não somos vanguarda. Somos crentes apenas.

4.4 — Os instrumentos conscientizadores da igreja devem ser colocados nas mãos do povo organizado, e não nas mãos de pastores. Essa tese é simples de resolver: Dêem Us\$ 1,000. — nas mãos do povo organizado e outros mil nas mãos de um pastor. Mandem que usem para a luta popular. Vejam o resultado depois de 6 meses.

4.5 — Nosso papel é colocar a pastoral a serviço. Correndo o risco de sermos colocados nas sacristias para que o povo domine a praça.

4.6 — A leitura popular da Bíblia precisa ser ouvida. Com a profundidade do ouvido psicanalítico. O povo fala pouco e sua fala é valiosa demais.

4.7 — O que muda a cabeça é a prática das mãos refletida pela cabeça. A cabeça só muda pela compreensão da prática das mãos. Prática pela prática é justificação por obras, um erro político fatal.

4.8 — Evangelização não é conscientização. Para conscientizarem-se basta que as pessoas passem fome, sejam exploradas e tentem se livrar destes desconfortos politicamente. Basta, enfim, o bom e criativo egoísmo. Evangelização parte do amor de Deus pelas criaturas. O povo luta por egoísmo, e Deus o guarde. Mas a evangelização vem do amor. É diferente!

4.9 — Pobre organizado e falando na igreja convence e conquista simpatias. Sermões politizados podem custar a demissão do pastor. Vamos permitir que o pobre organizado e batizado fale mais na igreja.